Avante! A construção da identidade nacional brasileira na modernidade

Renata Cristina Ling Chan[1]

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como o Modernismo Paulista, cujo carro chefe foi a Semana de Arte Moderna de 1922, foi alçado à posição de Modernismo Brasileiro e como esse processo contribuiu para se forjar uma identidade cultural brasileira. A partir disso, foi analisado como a construção dessa identidade a partir da estética do Modernismo Paulista atua na delimitação e exclusão das figuras de alteridade na implementação de um estado autoritário. Para tal, utilizou-se a análise da temporalidade da Modernidade feita por Octávio Paz; perspectivas apresentadas por Stuart Hall sobre as identidades nacionais da Pós-modernidade; análise da construção da aura mitológica do Modernismo paulista feita por Daniel Faria e Francisco Foot Hardman; análise do forjamento da identidade brasileira feira por Stella Bresciani; e a análise da cultura brasileira de exclusão de medo das figuras de alteridade feita por Eva Landa.
Palavras-chave: Releituras do Modernismo Paulista; Identidade Nacional; Identidade Cultural; Modernidade.

Letras Escreve (ISSN 2238-8060)

Abstract: The aim of this paper is to analyze how the Paulista Modernism, whose flagship was the Modern Art Week in 1922, was promoted to the Brazilian Modernism position and how this process helped to forge a Brazilian cultural identity. From this it was analyzed as the construction of this identity from the aesthetics of Modernism Paulista operates in delimitation and exclusion of otherness figures in the implementation of an authoritarian state. To do this, we used the analysis of the temporality of modernity made by Octavio Paz;

[1] Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: renata.chan02@gmail.com

perspectives presented by Stuart Hall on national identities of Postmodernism; analysis of the construction of the mythological aura of Paulista Modernismmadeby Daniel Faria and Francisco Foot Hardman; Forging analysis of the Brazilian identity fair by Stella Bresciani; and analysis of Brazilian culture fear exclusion of otherness figures made by Eva Landa.

Keywords: Releituras of Modernism Paulista; National identity; Cultural identity; Modernity.

1. INTRODUÇÃO

Letras Escreve
(ISSN 2238-8060)

> "Só a antropofagia une. Socialmente. Economicamente. Philosophicamente. / Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismo. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. / Tupy, or not tupy that is the question. / Contra todas as cathecheses. E contra a mãe dos Gracchos. / Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago".
>
> (Manifesto antropofágico – Oswald de Andrade)

> "Desenvolvimento, progresso, modernidade: quando começam os tempos modernos? Entre todas as maneiras de ler os grandes livros do passado há uma que prefiro: a que procura neles não o que somos, mas justamente aquilo que nega o que somos".
>
> (Octavio Paz – Revolta do futuro)

Stuart Hall (1992) afirma que as culturas nacionais são uma das principais fontes de identidade cultural, e que apesar de não estar impressa em nossos genes, pensamos nelas como parte de nossa natureza essencial. Entretanto, são formadas e transformadas no interior da *representação*. A Semana de Arte Moderna de 1922 e o modernismo paulista são rememorados por meio do seu semblante heroico ao construir o projeto de atualização artística que visava o rompimento combativo com a tradição artística do século XIX, delimitando como projeto o resgate das raízes da cultura brasileira a partir de sua metáfora antropofágica. Sendo

representado muitas vezes como o primeiro movimento artístico legitimamente brasileiro e o que rompeu com as regras das artes tradicionais europeias, o modernismo paulista foi canonizado como a primeira geração modernista e a Semana de Arte Moderna como uma espécie de mito fundador do Brasil moderno.

Esse mito que une "brasilidade" a "modernismo" é representado de maneira reveladora na minissérie "Um só coração", produzida em 2004 pela Rede Globo. Na minissérie, a concepção da Semana de Arte Moderna é dramatizada como uma epifania de Mario de Andrade ao ouvir uma figurante de sotaque francês sugerir uma semana de arte nos moldes franceses depois de Oswald de Andrade dizer a ele: "Ao invés de pensar no poder subversivo do amor, porque você não pensa em uma maneira de subvertermos a mentalidade artística dessa cidade?". A série perpassa ligeiramente os preparativos para conseguir o Teatro Municipal e a polêmica que antecedeu a Semana, ilustrada por Monteiro Lobato vociferando que participaria somente de uma semana de arte brasileira.

Quando chega a noite em questão, a dramatização da Rede Globo continua jogando com a tensão entre rejeição e inovação, o que confere o matiz heroico e revolucionário do evento: ressaltou-se sua grandiosidade e, principalmente, a polêmica intencionalmente promovida por Oswald para que a semana alçasse o movimento paulista ao pódio de arte inovadora e brasileira por excelência, calando a boca de conservadores nacionalistas como Monteiro Lobato. Fica claro nessa representação, ainda, os dispositivos retóricos que Faria (2006) aponta: os artistas são representados como heróis sacrificiais, e seu público era uma multidão. Em meio às vaias dos estudantes contratados por Oswald, Mario de Andrade se levanta da plateia e posiciona-se como paladino da modernidade: "Os velhos morrerão! O futuro começa hoje!". A sequência dramática pela qual a Rede Globo representa a Semana de Arte de 1922 confirma a afirmação de Francisco Foot Hardman:

Letras Escreve (ISSN 2238-8060)

> Parece que, mais de setenta anos após, o clima de deslumbramento e irreverência juvenil pretensamente descomprometida dos chamados anos heroicos do modernismo paulista ainda se reproduz em discursos estéticos, críticos e jornalísticos que acabaram por cristalizar a metáfora da antropofagia como programa político-cultural de uma identidade nacional vendida sempre como vanguardeira (HARDMAN, 2000, p.317).

Essa afirmação de Hardman pode ser lida na superfície da minissérie, que declaradamente é uma homenagem ao estado de São Paulo. Entretanto, brevemente, quase como um ato falho freudiano, a dramatização da Rede Globo revela justamente um dos efeitos perversos da construção dessa identidade nacional homenageada, vendida como vanguardeira, como observa Hardman. Enquanto os intelectuais paulistas, claramente aristocráticos, quatrocentões, cosmopolitas e brancos, discutem sobre um modo efetivo de subversão cultural, circulam no fundo de cena figurantes negros atuando como empregados, servindo os heroicos artistas paulistas no momento de sua inspiração. Em nenhum momento os empregados dizem alguma coisa, mas antes do brinde que sela o "pacto subversivo modernista", uma figurante negra ri, gesto que tem a função de significante da anuência daqueles que permanecem nas margens da sociedade, do lado de fora do Teatro Municipal.

Ironicamente, a mesma representação que busca homenagear o mito nacional da Semana de Arte Moderna de 1922 expõe sub-repticiamente a violência do esmagamento de alteridades que acompanhou o evento. Então, para analisar o papel do modernismo paulista na construção de uma identidade nacional e cultural brasileira, são necessários fazer os seguintes questionamentos: sob qual ideia de modernidade o modernismo paulista se apoia? Quem canibalizou quem de fato nos desdobramentos da metáfora antropofágica? Em que medida a construção dessa identidade brasileira contribui para os conflitos sociais da atualidade? Para podermos esclarecer quem são os

Letras Escreve (ISSN 2238-8060)

sujeitos representados por essa identidade cultural e nacional, é necessário partir do modo de leitura proposto por Octávio Paz (2013): procurar por aquilo que nega o que somos.

2. Temporalidade moderna e identidade brasileira

Daniel Faria afirma que a simples escolha do nome "modernismo" já implicaria uma opção estético-política (FARIA, 2006, p.14). Por opção, entende-se que designar o termo "modernismo" ao movimento encabeçado por Mário de Andrade, como salienta o autor, encobre a diversidade de outros projetos estético-políticos do Brasil contemporâneo, fazendo do modernismo paulista o movimento cultural próprio do Brasil contemporâneo. Como destaca Faria, Mario de Andrade afirmava que o modernismo era uma forma autêntica de se viver a brasilidade, sendo essa a inovação de sua geração, enquanto Graça Aranha afirmou que a verdadeira nacionalidade brasileira estava ainda em processo de criação. Os modernistas, subentende-se "paulistas", representa-se então como um movimento privilegiado de autoconscientização da nação, "expressão legítima de uma inevitável marcha dos tempos" (FARIA, 2006, p.18).

Octávio Paz (2013) afirma que a modernidade começa quando o homem se atreve a abrir as portas do futuro. Nesse sentido, o autor afirma a ideia de modernidade só poderia nascer no Ocidente, com a concepção cristã de tempo histórico sucessivo e irreversível e finito, que quando finda, ou seja, quando se fecham as portas do futuro, dá lugar à vida eterna, ao presente perpétuo. Entretanto, a modernidade surge justamente como uma crítica à eternidade cristã, surgindo como uma ruptura. A concepção linear do tempo confere então algo particular à nossa sociedade Ocidental: é a única que se denomina Moderna. Algo singular, já que, como salienta o autor, existem tantas "modernidades" quanto épocas históricas.

Letras Escreve (ISSN 2238-8060)

O nome das civilizações, de acordo com Paz, funcionaria dividindo o mundo em dois, sendo basicamente a divisão do nós/eles. Dessa forma, se as antigas sociedades construíam essa divisão por parâmetros como crença, deus e destino, nossa sociedade moderna constrói essa divisão pelo parâmetro do tempo, dividindo o mundo entre moderno e antigo. Essa divisão, segundo Paz, acontece tanto no interior da sociedade, opondo moderno e tradicional, mas também acontece exteriormente, opondo civilizações avançadas às atrasadas. Como observa o autor, toda vez que os europeus e seus descendentes da América do Norte se encontram com outras culturas e civilizações, as qualificam como atrasadas. Nesse sentido, Octávio Paz disserta sobre o termo burocrático *subdesenvolvido*, sob o qual se alimentam e sustentam duas pseudoideias: a de que diferentes civilizações podem se reduzir ao modelo da civilização ocidental moderna e a de que as mudanças na sociedade e na cultura são lineares, progressivas e, portanto, mesuráveis.

A concepção temporal da modernidade proposta por Paz pode, então, iluminar as motivações para alçar o modernismo paulista à alcunha de primeiro modernismo brasileiro. Pode-se observar que estão na base da representação do modernismo paulista as duas pseudoideias apresentadas por Paz: como a sociedade e a cultura se desenvolvem linearmente, progressivamente, o modernismo paulista pretensiosamente mensurou que a sociedade e a cultura brasileira estavam em algum lugar atrás na linha de desenvolvimento, necessitando de uma renovação não só de sua estética cultural, mas também de seus parâmetros de civilização. Logo, seriam a Semana de Arte Moderna de 22 e o modernismo paulista que encabeçariam o percurso ao progresso, à construção de uma identidade brasileira que valoriza o que já nos é próprio. De fato, agiram para encaminhar o Brasil em direção ao progresso: o modelo da sociedade ocidental moderna.

Paralelamente aos desenvolvimentos do modernismo paulista, Oliveira Vianna afirma: “funesto é para nós julgar uma suposta identidade entre nós e os outros grandes povos civilizados”, sendo nós “povos de origem colonial e de civilização transplantada” (BRESCIANI, 1998, p. 34). Bresciani (1998) desnuda o preconceito por trás das proposições de Oliveira Vianna aproximando-a do determinismo de Hyppolite Taine. Observa-se que, apesar de Vianna adotar como modelo social europeu como o ideal, em especial o inglês, o autor aponta para a incompatibilidade de seu modelo representativo para o Brasil, apontando para a necessidade de uma “antropogeografia econômica e política aliada a uma psicologia étnica e política”. Em seu cerne, está o determinismo cientificista, no qual as identidades nacionais são determinadas por variáveis de raça, meio social e físico e história, que seriam as bases para as características dos povos, das suas mentalidades e caráter.

Letras Escreve
(ISSN 2238-8060)

Oliveira Vianna defende então que, para a unidade orgânica do Estado com a nação, os códigos políticos deveriam ser escritos com base na análise minuciosa das particularidades dos povos. De acordo com Bresciani, ambos Taine e Vianna julgam inadequadas as instituições políticas representativas devido à falta de consciência de cidadania e educação política da população de seus respectivos países. Portanto, aqui se encontra a justificativa para a adoção de um regime autoritário, pois somente um líder *uno* poderia teoricamente analisar as particularidades de seu povo para construir sua identidade na modernidade e guiar seu destino:

> A imagem de um país desencontrado consigo mesmo vem carregada de forte apelo emocional em sua busca de identidade, e mais, das “raízes de nosso povo e da nação” a ser formada pela mão forte dos líderes políticos do Estado autoritário. Mito e utopia cruzam-se no discurso que reivindica a neutralidade da ciência e a objetividade dos fatos, mas que recorre à troca afetiva entre cidadãos criando símbolos da brasilidade e manifestações coletivas do “sentir-se brasileiro” (BRESCIANI, 1998, p.29).

Convém questionar quem assume o papel de canibal e de canibalizado no movimento antropofágico de Oswald. Observa-se que o movimento cultural da antropofagia declara inaugurar uma nova arte em que a cultura brasileira canibaliza a cultura europeia. Entretanto, a função que esse movimento assumiu na construção identitária do Brasil aponta o oposto: perfilada por detrás desta fantasia do eu brasileiro, a cultura burguesa europeia eugênica abocanhou representações do Brasil, mastigou-as, engoliu-as, digeriu-as e devolveu no lugar uma paisagem idílica de convivência cultural e racial harmônica trazida a nós pelo heroico modernismo paulista.

Voltando ao método de leitura de Paz, analisemos o que as duas visões hegemônicas, uma artística e uma sociológica, afirma o que não somos: *ainda* não somos conscientes, *ainda* não somos educados, *ainda* não somos cidadãos, *ainda* não somos europeus, *ainda* não somos brasileiros. Construída a indumentária cultural para a nossa identidade nacional, pode-se embarcar no veículo que conduzirá o Brasil ao futuro: o modelo ocidental da sociedade moderna. Ordem e progresso.

Letras Escreve
(ISSN 2238-8060)

3. Nós seguimos avante esmagando eles

Stuart Hall (2006), abordando a ideia de nação como identidade cultural unificada, afirma que “as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença, não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas” (HALL, 2006, p.65). Nesse sentido, o autor afirma que devemos nos atentar para a forma pela qual as culturas nacionais costuram as diferenças em uma única identidade. Hardman (2000) delimita como a crítica cristalizou o modernismo paulista, em especial a antropofagia de Oswald, na identidade nacional, apontando sua canonização nas críticas de Haroldo de Campos, Antônio Cândido, Richard Morse, Gilberto

Freyre, Boa Ventura de Souza Santos e Paulo Prado. Hardman afirma que esses ensaístas

> (...) acabaram por atribuir à produção poética oswaldiana, em maior ou menos grau, o dom de conter um projeto estético e ideológico de um *novo nacionalismo*, libertário, sincero, natural, neológico, despojado, simples, alegre, espontâneo, autêntico, ao mesmo tempo antenado no tempo e no mundo e fincado no solo mais remoto das raízes pátrias, porque, afinal, se manifesta como *descomplexado* em relação às heranças coloniais e à dependência econômica, política e cultural dos imperialismos (HARDMAN, 2000, p.320).

Hardman aponta para a construção de um "neonaturalismo" de tonalidades tropicais e de bases nacionais, em detrimento do esmagamento de alteridades ao reduzir a diversidade cultural e étnica do brasil. Tal estética, ainda presente na indústria cultural brasileira, seria a expressão de uma burguesia oligárquica de São Paulo e serviria para inspirar um populismo de feições nacionalistas e autoritárias, que Hardman afirma ainda se fazer sentir na sociedade de hoje.

Talvez o que mais se faça sentir na sociedade hoje seja o que Hardman (1992, p.186) apontou como "não-memória da violência que se aloja nos códigos modernistas tornados em convenção, bruto esquecimento que se inscreve na história consagrada do modernismo". Hardman fala do esquecimento dos "antigos modernistas" que foram colocados *atrás* do prefixo "pré" pela canonização do modernismo paulista. Segundo Hardman, tais modernistas já traziam uma nova noção de temporalidades em choque, principalmente depois da guerra do Paraguai, sendo inscritos na modernidade. Nesse sentido, autores como Fábio Luz, Curvelo de Mendonça e Euclides da Cunha, exploram características próprias da modernidade brasileira que seriam apagados pela antropofagia do modernismo brasileiro:

Letras Escreve (ISSN 2238-8060)

> O drama da modernidade constitui-se precisamente no choque que interrompe o fluxo da experiência tradicional, na destruição sistemática desses espaço-tempos insulados, no esquecimento produzido pelo desencontro de linguagens, na lógica desestruturante das identidades comunitárias, na violência como apanágio legal do Estado (HARDMAN,1992,173).

Possivelmente, um dos principais efeitos da identidade cultural construída pelo modernismo paulista, e seu consequente apagamento de alteridades, seja o preconceito que sustenta nossa violenta estrutura social.

Eva Landa (LANDA, 1998, p. 73) afirma que o preconceito é "uma violência que se exerce no nível do pensamento. Antes de mais nada, contra a própria capacidade de pensar". Para delimitar essa violência, Landa supõe uma passagem entre o preconceito que permite o pensamento, como o processo de abreviação de experiências vividas para se perceber um objeto novo, referido por Horkheimer e que é inerente ao pensamento em si; e o preconceito que impede o pensamento, tornando o sujeito impermeável, à prova de realidade, o que é denominado por Freud ou Bion como *aprendizado a partir da experiência*. Landa então aponta o espaço da cidade de São Paulo para examinar o funcionamento mental do preconceito em relação à imagem do outro enquanto ameaça ao espaço narcísico. A autora afirma que esse mecanismo primitivo visa manter um Eu identificado ao prazer e oposição ao mundo externo, depositário do mal. Delimitando os caminhos da violência do preconceito, afirma:

Letras Escreve
(ISSN 2238-8060)

> Esse ataque ao pensamento e seus objetos pode ou não se traduzir em possibilidade de uma passagem a um ato violento contra o outro na realidade, que não mais se distingue dos fantasmas dos quais se tornou o suporte. O círculo se fecha quando o mesmo tipo de não pensamento serve à racionalização e justificação de tal ato, prenunciando um ciclo de repetição infinito (LANDA, 1998, p.73).

É sabido que a violência assola o Brasil atualmente. A polícia militar brasileira é uma das que mais mortíferas do mundo. No jornalismo diário, é flagrante que o ciclo de violência real e preconceito se repete cotidianamente. Uma das marcas da identidade cultural brasileira esculpida pelo cânone e correntes culturais hegemônicas é a de que o Brasil é um país miscigenado. De fato, a miscigenação é uma característica geográfica do Brasil. Entretanto, enquanto a cultura brasileira toma a miscigenação para si como discurso, ainda se percebe o desejo de que a raça branca tenha detido maior parte do nosso quinhão racial.

Eliane Brum, na crônica do dia 22 de junho de 2015 aborda a questão da maioridade penal com a pergunta de uma criança de 4 anos: “Mãe, onde dormem as pessoas marrons?”. Tal pergunta dá nome ao título e contorno ao nosso preconceito violento. Brum descreve a construção da vida entre muros da classe média branca. Muros tão eficientes que uma criança nunca se depara com a realidade: a criança, que não sai desse universo, só vê as “pessoas marrons” entrarem para trabalhar, mas nunca permanecem. Tão eficientes muros, que a criança não sabe que em abril deste ano, no Rio de Janeiro, uma “criança marrom” chamado Eduardo de Jesus levou um tiro da polícia militar e morreu no lugar para onde as “pessoas marrons” dormem.

Esses muros que cercam essa criança ainda são os mesmos muros que cercavam e protegiam os intelectuais que concebiam a Semana de Arte Moderna de 1922 na dramatização da Rede Globo. As “pessoas marrons” presente nos condomínios também são as figurantes marrons da Rede Globo.

Um outro questionamento que vale a pena ser investigado mais adiante talvez seja: Qual é o quinhão da canonização do modernismo paulista na construção do espelho do nosso espaço narcísico? Tal questionamento é necessário, pois é evidente que a identidade nacional se valeu das representações de tal movimento.

Letras Escreve
(ISSN 2238-8060)

Referências Bibliográficas

BRESCIANI, Stella. “Forjar a identidade brasileira nos anos 1920-1940”. In.: **Morte e pregresso:** cultura brasileira como apagamento de rastros. Org HARDMAN, F.FOOT. São Paulo: Unesp, 1998.

BRUM, Eliane. “*Mãe, onde dormem as pessoas marrons?”*. Disponível em http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/22/opinion/1434983312_399365.html. Acessado em 22 de junho de 2015.

FARIA, Daniel. **O mito modernista**. Uberlândia: EdUFU, 2006

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**.11.ed. DP&A editora. Rio de Janeiro, 2006.

HARDMAN, F.Foot. “Algumas fantasias de Brasil: o modernismo paulista e a nova naturalidade da nação”. In: **Pelas margens**: outros caminhos da história e da literatura. Campinas: Unicamp; Porto Alegre:UFRGS, 2000.

HARDMAN, F.Foot. (Org). **Morte e pregresso:** cultura brasileira como apagamento de rastros. São Paulo: Unesp, 1998.

LANDA, Eva. “O preconceito como violência do pensamento: espaço narcísico e a imagem do outro”. In.: **Morte e pregresso**: cultura brasileira como apagamento de rastros. Org HARDMAN, F.FOOT. São Paulo: Unesp, 1998.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**. São Paulo: Cosac Naify, 2013

Letras Escreve
(ISSN 2238-8060)